

## LITERATURA, GABRIELA, FEMININO, JORGE AMADO, EDUCAÇÃO...: (DES)CAMINHOS DE UMA PESQUISADORA

ÚRSULA LIMA BRUGGE

Universidade Federal do Ceará. E-mail: ulb16@hotmail.com

Após dois anos dedicados à análise da produção midiática imagético-discursiva dos corpos femininos contemporâneos, múltiplas questões surgiram em meus horizontes de pesquisa. Posso afirmar que, ao encerrar aquele trabalho, senti meu limite: percebi que mantive meu olhar centrado sobre uma ínfima parte de um enorme *iceberg* que, afinal, constituía meu universo de pesquisa. Sinto hoje a necessidade de avançar, de mergulhar neste oceano de possibilidades e explorar aquilo que extrapolou minha percepção e minhas possibilidades naquele registro.

Como disse, pesquisei a formação discursiva do corpo feminino na contemporaneidade. Estudei os jogos de investimentos que a mídia estabelece a fim de produzir um determinado perfil de corpo que é por ela apontado como *ideal, belo, saudável, desejável, feminino*. Para tanto, analisei registros discursivos presentes em revistas femininas e cujo foco são cuidados com o corpo; no caso, as revistas *Corpo a Corpo* e *Boa Forma*. Assim, entre minhas análises a respeito das estratégias discursivas em torno das quais a mídia se organiza para fazer funcionar seu *dispositivo pedagógico* e das estratégias de legitimação do discurso que visam garantir a fidedignidade necessária para a sustentação do regime de verdade estabelecido pela mídia, pude perceber um dado perfil de corpo feminino sendo meticulosamente projetado.

Um corpo jovem, magro, trajado segundo a moda, de *belas* formas e *boa* aparência. Um corpo impedido de engordar, de envelhecer, de ter em sua expressão qualquer tipo de manifestação de sua idade ou dos contornos que sua condição humana lhe impõe. Um corpo sem manchas, sem rugas, sem estrias, sem celulite; uma

expressão limpa de imperfeições e cujas formas são definidas a partir de dietas, exercícios e cirurgias plásticas; em outras palavras, um corpo esculpido por múltiplas intervenções tecnológicas que o atravessam e o constituem de uma determinada forma.

Trata-se, portanto, de um corpo mutante cujas formas variam conforme a vontade individual e produzida de cada mulher sobre si. Um corpo descartável, atravessado por múltiplas tecnologias políticas que o modelam e o remodelam em nome da beleza. Um corpo efêmero, que se relaciona consigo conforme os mesmos padrões frívolos de consumo cultivados na atualidade – em que se consome muito e rapidamente se descarta, já no anseio de se adquirir novos bens que também serão brevemente descartados, em um ciclo quase inesgotável de consumo. Por fim, um corpo narcísico, condicionado a olhar para si, a cuidar de si e a vigiar as mínimas operações e alterações de sua aparência, estabelecendo, desse modo, uma relação solitária consigo e com sua imagem refletida no espelho.

Enfim, produzi um registro a respeito dos modos midiáticos contemporâneos de formação/subjetivação/educação do eu-feminino e do seu corpo. Defendi que as revistas ensinam as mulheres a serem *mulheres*; que elas se constituem como um espaço plenamente pedagógico, não só pelo fato de explicitarem seus assuntos de modo didático, mas por se mostrarem como uma verdadeira maquinaria de produção de verdades sobre e para um sujeito feminino que deve aprender, através delas, a olhar pra si, a julgar-se e a cuidar de si.

Desse modo, afirmei de modo bastante categórico, em meu trabalho, a existência de uma estreita relação entre o discurso da mídia e a subjetivação dos corpos femininos contemporâneos. Por conta disso, fui por diversas vezes questionada, ao longo da pesquisa, a respeito das resistências a esses investimentos: onde elas estão? Como escapar desses esquemas? E as linhas de fuga?

Contudo, tomando apenas o universo discursivo em pauta naquela análise – o das revistas femininas –, não consegui localizar

nenhum foco de resistência. O discurso midiático é maleável; mediante possíveis focos de resistência, ele muda, busca outras estratégias. É comum que um enunciado apontado, *a priori*, aos cuidados com a beleza seja também imediatamente associado à manutenção da saúde, do bem estar, da felicidade, da autoestima etc. Essa é, por certo, uma das estratégias do discurso para neutralizar justamente possíveis focos de resistência. Com isso, ainda que as leitoras relutem contra a ditadura da beleza, elas possivelmente acabarão por se submeter a tais normas, afinal, o que está em jogo agora é a sua saúde (e a sua vida!).

Mas essa questão das resistências foi algo que realmente passou a me incomodar. Afinal, não há mesmo como escapar, como fugir desses ideais, modelos, normas, regras e imposições que envolvem o feminino e lhe ditam um dado modo de pensar, de ser e de agir? E não estou mais aqui problematizando restritamente o corpo, mas expandindo minha perspectiva, ponho em xeque questões mais gerais relativas ao eu-feminino e à sua existência como um todo.

Não posso deixar hoje de ressaltar – embora não o tenha feito no trabalho anterior – que todas as questões por mim analisadas na dissertação fazem parte de uma problemática maior que envolve o feminino. Desse modo, retomando o que disse ao princípio deste texto, senti, ao finalizar aquele trabalho, o meu limite. Não enveredei, por exemplo, por assuntos como a história do corpo e do embelezamento feminino, as função social da beleza feminina e da mulher, a questão da moral e dos costumes, a cultura machista brasileira etc., que são temáticas que ajudariam a melhor compreender os motivos, as causas, as bases, enfim, dos investimentos hoje lançados ao feminino. Ou seja, mantive meu foco tão demasiadamente centrado sobre o corpo feminino e sua constituição na contemporaneidade que inúmeras questões que estavam envolvidas de algum modo com o meu objeto simplesmente me escaparam de uma análise mais criteriosa.

E, tomando como ponto de partida essas temáticas pelas quais não me arrisquei – a história do corpo e do embelezamento feminino, as função social da beleza feminina e da mulher, a questão da moral e dos costumes, a cultura machista brasileira etc. –, a questão das resistências ganha novos ares, revelando-se como uma temática cuja discussão é de extrema relevância.

Mas, como disse, se o campo discursivo da mídia revelou-se pouco fértil para pensar a problemática das resistências, de onde partir então? Foi nesse ponto que se deu meu afastamento do discurso da mídia e minha aproximação ao campo da literatura. À medida que fui me aproximando desse universo discursivo, comecei a perceber nele um campo fértil para a expressão da tão questionada resistência aos modelos estabelecidos e ao discurso que envolve a subjetivação do feminino.

Enquanto o discurso midiático está demasiadamente comprometido com um discurso de verdade de bases empíricas e comprováveis, a literatura, por sua capacidade artística e ficcional, está liberta de tais amarras. Ela pode criar uma realidade paralela; pode confrontar os padrões sociais vigentes na realidade cotidiana das ruas e lares; pode explorar outras dimensões; pode ser irônica; pode ser crítica e pode, especialmente, ser criativa. Daí tão facilmente servir de cenário para a expressão de resistência à realidade vigente.

Ponho-me a pensar, por exemplo, o quão estranho soaria se uma revista como *Corpo a Corpo* lançasse uma matéria cujo conteúdo concluísse que as mulheres não precisam de tantos adornos, maquiagens, perfumes, roupas, sapatos e intervenções tecnológicas para serem bonitas e atraentes. Mas, na contrapartida, em nada choca saber que a Gabriela de Jorge Amado destaca-se por sua beleza e sensualidade, embora simples, pobre, vestida em trapos, exalando seu cheiro (natural) de cravo. Por quê? Porque a literatura se permite a esse tipo de imagem, porque ela está aberta à inspiração, ao novo, ao diferente.

Neste trabalho resolvi, pois, arriscar-me pelo campo discursivo da literatura. Um campo novo para mim, é verdade; obscuro algumas vezes, mas extremamente interessante de ser investigado. Nele, busco manifestações de resistência aos modelos, normas e regras estabelecidos e impostos ao feminino. Em outras palavras, busco na literatura novas ideias à educação do feminino, ideias estas que escapem ao que temos hoje como *natural* à mulher.

E, dentro do vasto campo da literatura, decidi eleger um romance para desenvolver meu estudo: *Gabriela Cravo e Canela* de Jorge Amado. A problemática desta pesquisa se resume, pois, a três perguntas-chave: primeiro, quais os modelos (os estereótipos) de mulher presente no romance *Gabriela Cravo e Canela*? Segundo, como se dá a subjetivação/educação do feminino dentro do referido romance? Por fim, até que ponto as personagens femininas de *Gabriela Cravo e Canela* – especialmente a protagonista – representam resistência aos modelos estabelecidos e ao discurso que envolve a subjetivação do feminino na sociedade brasileira?

Meu objetivo geral é, pois, pensar o fenômeno da educação da mulher por dentro da literatura, especialmente por dentro da obra *Gabriela Cravo e Canela* de Jorge Amado, buscando compreender como as personagens femininas são constituídas e até que ponto elas podem – especialmente a protagonista Gabriela – ser apontadas como resistência aos modelos e ao discurso que envolve a subjetivação do feminino.

Especificamente, objetivo: Primeiro, descrever os diferentes modelos de mulher presentes na obra *Gabriela Cravo e Canela*; segundo, analisar os modos de subjetivação/educação da mulher dentro do referido romance; terceiro, analisar as personagens femininas em suas manifestações de resistência aos modelos estabelecidos e ao discurso que envolve a subjetivação do feminino na sociedade brasileira.